



ATITUDES DA POPULAÇÃO ATIVA EM PORTUGAL SOBRE PAPÉIS DE GÉNERO: ANÁLISE DE VARIÁVEIS SOCIODEMOGRÁFICAS

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa
para obtenção do grau de mestre em Psicologia

- Especialização em Psicologia da Justiça e do Comportamento Desviante -

Maria Manuel de Castro Veloso Lage Vilela

Porto, julho de 2026



CATOLICA
—
FACULDADE DE
EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA
PORTO

ATITUDES DA POPULAÇÃO ATIVA EM PORTUGAL SOBRE PAPÉIS DE GÉNERO: ANÁLISE DE VARIÁVEIS SOCIODEMOGRÁFICAS

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa
para obtenção do grau de mestre em Psicologia

- Especialização em Psicologia da Justiça e do Comportamento Desviante -

Maria Manuel de Castro Veloso Lage Vilela

Trabalho efetuado sob a orientação de

Professora Doutora Raquel Matos
Doutora Mónica Soares

Porto, julho de 2026

Agradecimentos

Gostaria de começar por agradecer aos meus pais e à minha irmã pela compreensão, apoio e carinho incondicional ao longo destes cinco anos de estudo. A vossa presença foi essencial nos momentos de maior exigência, dando-me força, confiança e motivação para continuar. Com o vosso apoio, tenho crescido não só enquanto estudante, mas também enquanto pessoa, tornando-me cada vez mais resiliente, consciente e grata.

Aos meus avós, agradeço todo o carinho, amor e apoio que sempre me deram. Pelas chamadas, pela preocupação constante e por me fazerem sentir sempre acompanhada, mesmo à distância. Obrigada por celebrarem comigo cada conquista e por estarem presentes nos momentos mais difíceis, dando-me força e confiança para continuar.

Ao meu avô Mané, que, apesar de já não estar presente fisicamente, continua a acompanhar-me em todos os momentos. Levo comigo o teu amor, a tua força e a certeza de que, de alguma forma, estiveste sempre presente comigo neste caminho.

Ao Guilherme, agradeço pela flexibilidade, carinho e atenção demonstrados ao longo de todos estes anos. Mesmo nos momentos em que o percurso académico se tornou mais exigente e difícil de acompanhar de perto, estiveste sempre presente, apoiando-me com paciência, compreensão e dedicação. Foste um porto seguro nos momentos de maior dúvida, cansaço e exigência, dando-me sempre força e tranquilidade para continuar.

Aos meus amigos, agradeço por tornarem a vida mais leve e por me fazerem rir, mesmo nos momentos mais difíceis. Guardar tantas memórias convosco ao longo desta etapa foi um dos aspetos mais especiais deste percurso. Obrigada pelo apoio, pela presença constante e por tornarem este caminho mais bonito e menos pesado. Sem vocês, todo este percurso teria sido, sem dúvida, muito mais difícil.

À Professora Raquel Matos e à Professora Mónica Soares agradeço toda a orientação, disponibilidade e apoio prestados ao longo da realização desta dissertação.

À Universidade Católica Portuguesa, agradeço por me ter acolhido. Foi nesta instituição que aprendi, cresci e vivi momentos muito especiais, que marcaram de forma significativa o meu percurso académico e pessoal.

A todos aqueles que, de alguma forma, fizeram parte deste percurso, o meu sincero obrigada.

Foram utilizadas as ferramentas de inteligência artificial ChatGPT e Claude ao longo das diferentes secções desta dissertação como apoio à reformulação frásica, revisão ortográfica e melhoria da coerência frásica. A sua utilização teve como finalidade aperfeiçoar a qualidade da expressão escrita e a clareza dos conteúdos.

Índice

Introdução.....	1
Estereótipos e Atitudes de Género	2
Papéis de Género.....	2
Variáveis Sociodemográficas e Atitudes Relativas aos Papéis de Género	3
Método	4
Objetivos Específicos e Hipóteses de Investigação	4
Amostra.....	5
Procedimentos de Recolha e Análise de Dados.....	7
Resultados	8
Descrição das variáveis Sociodemográficas.....	8
Atitudes gerais relativas aos Papéis de Género (EAPG).....	9
Género e atitudes relativas aos papéis de género	11
Idade e atitudes relativas aos papéis de género	12
Estado civil e atitudes relativas aos papéis de género	12
Ter filhos e atitudes relativas aos papéis de género	13
Escolaridade e atitudes relativas aos papéis de género	14
Discussão de Resultados.....	15
Conclusão.....	17
Referências.....	20
Anexos.....	23

Índice de Tabelas

Tabela 1 - <i>Caracterização sociodemográfica da amostra</i>	8
Tabela 2 - <i>Estatística Descritiva – Score global EAPG</i>	9
Tabela 3 - <i>Estatística Descritiva – Itens EAPG</i>	10
Tabela 4 - <i>Diferenças na pontuação total da EAPG em função do género</i>	12
Tabela 5 - <i>Correlação de Pearson entre a Idade e o Score global da EAPG</i>	12
Tabela 6 - <i>Diferenças na pontuação total da EAPG em função do estado civil</i>	20
Tabela 7 - <i>Diferenças na pontuação total da EAPG em função de ter ou não filhos</i>	14
Tabela 8 - <i>Diferenças na pontuação total da EAPG em função da escolaridade</i>	14

Resumo

O presente estudo teve como objetivo analisar as atitudes da população ativa em Portugal relativamente aos papéis de género, procurando compreender de que forma determinadas variáveis sociodemográficas se relacionam com atitudes mais tradicionais ou mais igualitárias. Para tal, foi desenvolvido um estudo quantitativo com recurso a uma amostra não probabilística constituída por 188 participantes ativos profissionalmente em Portugal. A recolha de dados foi realizada através de um questionário online composto por questões sociodemográficas e pela Escala de Atitudes Relativas aos Papéis de Género (EAPG).

Os resultados permitiram verificar que não se observam diferenças estatisticamente significativas nas atitudes relativas aos papéis de género em função do género dos participantes e do estado civil. Em contrapartida, verificou-se que a idade, o nível de escolaridade e ter ou não filhos estão associados a mudanças nessas atitudes. De forma geral, os dados sugerem que as atitudes relativas aos papéis de género resultam de um conjunto complexo de fatores, não se limitando a características sociodemográficas isoladas, mas envolvendo também dimensões relacionadas ao percurso de vida e com o contexto social dos indivíduos.

Palavras-chave: papéis de género, atitudes de género, população ativa, igualdade de género, variáveis sociodemográficas

Abstract

The objective of this study was to analyse the attitudes of the working population in Portugal regarding gender roles, seeking to understand how certain sociodemographic variables relate to more traditional or more egalitarian attitudes. To this end, a quantitative study was conducted using a non-probability sample consisting of 188 working adults in Portugal. Data were collected via an online questionnaire comprising sociodemographic questions and the Gender Role Attitudes Scale (GRAS).

The results showed that there were no statistically significant differences in attitudes toward gender roles based on the gender of the participants or marital status. In contrast, it was found that age, educational level, and whether or not participants have children are associated with changes in these attitudes. Overall, the data suggest that attitudes toward gender roles result from a complex set of factors, not limited to isolated sociodemographic characteristics, but also involving dimensions related to individuals' life courses and social contexts.

Keywords: gender roles, gender attitudes, labour force, gender equality, sociodemographic variable

Introdução

Os estereótipos de género constituem elementos estruturantes da organização social, exercendo uma influência profunda sobre as atitudes, perceções e comportamentos dos indivíduos. Apesar da sua evolução ao longo do tempo, estas construções sociais continuam a influenciar de forma significativa as dinâmicas sociais contemporâneas (Grudzień, 2021). Tradicionalmente associados a papéis rigidamente diferenciados para homens e mulheres, os estereótipos de género continuam a moldar o quotidiano, mesmo face ao progresso registado no sentido da igualdade (Blackstone, 2003).

O impacto dos estereótipos de género manifesta-se de forma transversal, afetando simultaneamente aqueles que os aplicam e aqueles que são alvo desses mesmos estereótipos, independentemente do seu género (Ellemers, 2018). A perceção social deste conceito adquiriu uma conotação tendencialmente negativa, em virtude das reivindicações de diversos grupos sociais (Dyer, 1999). Há evidência de que gerações mais jovens tendem a adotar posições mais igualitárias, enquanto indivíduos de faixas etárias mais avançadas tendem a apresentar perspetivas mais tradicionais e conservadoras (Fazeli et al., 2015; Manolov et al., 2023; Ozturk et al., 2021).

A evidência empírica revela ainda que os homens são tendencialmente mais conservadores do que as mulheres (Endendijk et al., 2018; Ros-Gamón et al., 2021), que níveis de escolaridade mais elevados estão positivamente correlacionados com atitudes mais igualitárias relativamente aos papéis de género (Cunningham et al., 2005; Dogan Gangal et al., 2024). No domínio da parentalidade, a experiência de ter filhos associa-se a uma maior adesão a representações tradicionais sobre o papel de homens e mulheres (Katz-Wise et al., 2010; Endendijk et al., 2018).

O presente estudo tem como objetivo compreender como é que os fatores sociodemográficos, nomeadamente o género, a idade, a escolaridade, o estado civil e a paternidade/maternidade, contribuem para as atitudes em relação aos papéis de género em profissionais ativos em Portugal. Apesar da existência de literatura internacional sobre esta temática, torna-se pertinente aprofundar o conhecimento acerca deste fenómeno no contexto português, contribuindo para uma melhor compreensão das atitudes relativas aos papéis de género numa população profissionalmente ativa.

Estereótipos e Atitudes de Género

Os estereótipos e as atitudes de género constituem elementos estruturantes na organização da sociedade. A perceção estereotipada não deve ser encarada como um fenómeno atípico, mas sim como característica intrínseca ao funcionamento cognitivo e ao comportamento humano. Embora estas atitudes se encontrem sujeitas a transformações históricas e culturais contínuas, a sua eliminação total revela-se improvável, dada a necessidade dos indivíduos em categorizar a realidade. Grudzień (2021) argumenta que os estereótipos não devem ser julgados como sendo estritamente vantajosos ou prejudiciais, mas sim analisados como construções sociais complexas que moldam a forma como o indivíduo percebe o mundo que o rodeia.

O termo ‘estereótipo’ adquiriu uma conotação predominantemente negativa. Este fenómeno resulta das reivindicações protagonizadas por diversos grupos sociais minoritários face a representações simplificadas e preconceituosas que frequentemente recaem sobre esses mesmos grupos (Dyer, 1999). Contudo, Ellemers (2018) ressalta a funcionalidade cognitiva destas estruturas. Segundo a autora, os estereótipos permitem ao indivíduo processar grandes volumes de informação social de forma eficiente, o que se torna particularmente útil em contextos que exigem avaliações rápidas ou na compreensão de diferenças intergrupais.

Papéis de Género

A discussão sobre estereótipos conduz, inevitavelmente, à análise aprofundada dos papéis de género. Estes são definidos por Blackstone (2003) como o conjunto de normas, expectativas sociais e padrões comportamentais atribuídos aos indivíduos com base no seu sexo. Num registo tradicional, onde prevalece a ideia de que homens e mulheres possuem papéis sociais distintos, o papel feminino encontra-se intrinsecamente associado à responsabilidade pelo cuidado da família e à gestão doméstica, muitas vezes em detrimento da carreira profissional. Em contraste, a masculinidade vincula-se ao exercício de liderança, à obrigação de provisão económica e à detenção de autoridade do agregado familiar.

Ellemers (2018) observa que, nas avaliações sociais e profissionais, os homens continuam a ser associados ao desempenho individual, enquanto as mulheres permanecem associadas a competências relacionais.

Variáveis Sociodemográficas e Atitudes Relativas aos Papéis de Género

A literatura científica aponta as variáveis sociodemográficas não apenas como meros descritores estatísticos da população, mas como preditores na formação, manutenção e alteração das atitudes relativas aos papéis de género.

O género tem sido o fator mais robusto na análise das atitudes relativas aos papéis de género. Segundo a literatura, as mulheres tendem a apresentar atitudes consistentemente mais igualitárias e progressistas do que os homens (Corrigall & Konrad, 2007; Ros-Gamón et al., 2021). Palomino-Suárez e Aparicio García (2025) concluíram que, em geral, as mulheres evitam uma adesão mais rígida aos papéis e expectativas tradicionais associadas ao género. Neste domínio, Valentova (2013) oferece um contributo crucial ao demonstrar que, face ao grupo de referência constituído por mulheres jovens (18-34 anos), os homens apresentam níveis de conservadorismo significativamente superiores, independentemente da sua faixa etária.

Mozzaquatro e Arpini (2017) salientam que apesar das mudanças sociais a este nível, a responsabilidade familiar continua a ser percecionada como uma competência predominantemente feminina. Adicionalmente, Croft et al. (2015) alertam para uma disparidade na mudança social, enquanto as mulheres têm vindo a ocupar funções tradicionalmente associadas a papéis masculinos, os homens demonstram uma menor abertura para assumir papéis tradicionalmente associados ao universo feminino. Assim, pode compreender-se que as mulheres parecem mais disponíveis para a mudança social.

A variável da idade desempenha igualmente um papel decisivo na criação e manutenção destas atitudes, refletindo a evolução cultural da sociedade. Manolov et al. (2023) observaram que as gerações mais jovens tendem a privilegiar valores de autonomia e liberdade de escolha, demonstrando, assim, menor adesão a papéis tradicionais. Em faixas etárias superiores, especialmente acima dos 50 anos, persistem visões mais tradicionais e alinhadas com o conservadorismo. Estas tendências de progressão linear foram avaliadas na análise de Ozturk et al. (2021), focada na transmissão intergeracional feminina, onde as estudantes universitárias revelam atitudes significativamente mais igualitárias comparativamente com as suas mães e as suas avós. De forma similar, Fazeli et al. (2015) encontraram uma associação estatisticamente significativa entre a idade avançada e uma menor adesão a visões de género igualitárias.

Também a escolaridade se tem afirmado como um dos preditores de atitudes igualitárias relativas aos papéis de género mais consistentes. Níveis mais elevados de educação correlacionam-se, de forma sistemática, com a adoção de atitudes mais igualitárias (Cunningham et al., 2005; Deole & Zeydanli, 2021). Fazeli et al. (2015) concluíram, também, que a escolaridade mais elevada está associada a uma maior adesão a princípios de igualdade.

Esta associação pode dever-se ao facto de a educação proporcionar maior contacto com valores igualitários, favorecendo uma menor aceitação de crenças tradicionais sobre os papéis de homens e mulheres (Davis & Greenstein, 2009).

Relativamente ao estado civil, a evidência empírica revela-se limitada e mista. Enquanto estudos, como o de Corrigall e Konrad (2007), não encontraram um impacto estatisticamente significativo do casamento nas atitudes de género, porém investigações mais recentes sugerem uma visão diferente sobre esse mesmo impacto. Dogan Gangal et al. (2024) indicam que o casamento está associado a atitudes mais tradicionais em relação aos papéis de género. Por outro lado, Park et al. (2025) referem que a satisfação conjugal pode depender da congruência de atitudes entre o casal. Assim, a divergência de atitudes pode gerar conflito e instabilidade, independentemente dessas atitudes serem conservadoras ou liberais, o que sugere que o casamento molda as atitudes através da necessidade de consenso entre os indivíduos.

A transição para a maternidade/paternidade constitui um evento de vida transformador que parece precipitar uma mudança para papéis de género mais tradicionais, muitas vezes revertendo ideias igualitárias prévias. Esta dinâmica evidencia a permeabilidade das atitudes individuais a experiências de vida marcantes. Neste sentido, Grinza et al. (2017) observaram que a transição para o papel de progenitor pode promover uma acentuação de atitudes conservadoras, o que denota a volatilidade das convicções face às exigências do quotidiano. Esta tendência é corroborada por Katz-Wise et al. (2010) que demonstraram que, desde o período de gravidez, até ao primeiro ano de vida da criança, os casais tendem a adotar posturas mais conservadoras, um efeito particularmente notório em pais com experiência prévia. Por fim, Endendijk et al. (2013) reforçam esta perspetiva ao concluírem que os pais com filhos do mesmo sexo apresentam níveis superiores de atitudes tradicionais comparativamente aos indivíduos com filhos de sexos diferentes.

Não obstante a robustez desta evidência, a maioria dos estudos foi conduzida noutros contextos socioculturais. Justifica-se, assim, analisar de que forma as atitudes relativas aos papéis de género variam em função de cada uma destas variáveis sociodemográficas numa amostra de profissionais em Portugal

Método

Objetivos Específicos e Hipóteses de Investigação

Este estudo tem como objetivo geral analisar a relação entre variáveis sociodemográficas de profissionais ativos em Portugal e as suas atitudes relativas aos papéis de género. Especificamente, pretende-se analisar a relação entre o género, a idade, o nível de

escolaridade, o estado civil e ter ou não ter filhos e as suas atitudes relativas aos papéis de género.

Hipótese de investigação nº1

H0: Não existem diferenças estatisticamente significativas nas atitudes relativas aos papéis de género em função do género dos participantes.

H1: Existem diferenças estatisticamente significativas nas atitudes relativas aos papéis de género em função do género dos participantes.

Hipótese de investigação nº2

H0: Não existem diferenças estatisticamente significativas nas atitudes relativas aos papéis de género em função da idade dos participantes.

H1: Existem diferenças estatisticamente significativas nas atitudes relativas aos papéis de género em função da idade dos participantes.

Hipótese de investigação nº3

H0: Não existem diferenças estatisticamente significativas nas atitudes relativas aos papéis de género em função da escolaridade dos participantes.

H1: Existem diferenças estatisticamente significativas nas atitudes relativas aos papéis de género em função da escolaridade dos participantes.

Hipótese de investigação nº4

H0: Não existem diferenças estatisticamente significativas nas atitudes relativas aos papéis de género em função do estado civil dos participantes

H1: Existem diferenças estatisticamente significativas nas atitudes relativas aos papéis de género em função do estado civil dos participantes.

Hipótese de investigação nº5

H0: Não existem diferenças estatisticamente significativas nas atitudes relativas aos papéis de género entre participantes com filhos e participantes sem filhos.

H1: Existem diferenças estatisticamente significativas nas atitudes relativas aos papéis de género entre participantes com filhos e participantes sem filhos.

Amostra

A presente amostra é constituída por pessoas da população ativa em Portugal, empregadas no momento do preenchimento do questionário. A exclusão de participantes em situação de desemprego constituiu, assim, uma opção metodológica por se considerar pertinente incluir apenas participantes em contacto direto com dinâmicas laborais, expectativas profissionais e possíveis formas de conciliação entre a vida profissional e familiar.

A amostra é constituída por 188 participantes, com idades compreendidas entre os 18 e os 65 anos, sendo a idade mais representada os 52 anos ($n = 15$). A amostra é maioritariamente constituída por mulheres ($n = 130$, 69.1%) e de nacionalidade portuguesa ($n = 179$, 95.2%). Relativamente ao estado civil, verifica-se uma maior predominância de participantes casados ($n = 87$, 46.3%), seguindo-se os solteiros ($n = 45$, 23.9%) e os que vivem em união de facto ($n = 29$, 15.4%). A maioria dos participantes tinha filhos ($n = 125$, 66.5%) e, quanto à escolaridade, observou-se uma maior representação de participantes com licenciatura ($n = 90$; 47.9%), seguida dos participantes com mestrado ($n = 49$, 26.1%) e com ensino secundário ($n = 29$, 15.4%).

Instrumentos

Como instrumentos de recolha de dados foram utilizados um questionário sociodemográfico e a Escala de Atitudes Relativas a Papéis de Género (EAPG) (Andrade, 2016), ambos administrados *online*, através da plataforma Qualtrics.

Questionário Sociodemográfico

O questionário sociodemográfico foi desenvolvido com o objetivo de caracterizar a amostra e recolher informação considerada relevante para os objetivos do estudo. Este instrumento integrou 13 questões principais e 14 questões secundárias, permitindo obter dados referentes ao género, idade, nacionalidade, estado civil, a existência de filhos ou não e o nível de escolaridade dos participantes.

Escala de Atitudes Relativas a Papéis de Género (EAPG)

A Escala de Atitudes Relativas a Papéis de Género (EAPG) corresponde à versão portuguesa da *Attitudes Toward Gender Scale* (ATGS). Trata-se de um instrumento, que tem como objetivo avaliar as atitudes face à igualdade de direitos e papéis de homens e mulheres, abrangendo diferentes domínios, nomeadamente as responsabilidades familiares, os papéis profissionais e as expectativas sociais atribuídas a cada género. A versão original é composta por 25 itens e utiliza uma escala de resposta do tipo Likert de quatro pontos, em que pontuações mais elevadas indicam atitudes mais positivas relativamente à igualdade de género. A adaptação da escala para a população portuguesa foi realizada por Andrade (2016).

A versão portuguesa da escala apresenta 20 itens organizados em duas dimensões principais: atitudes tradicionais e atitudes igualitárias face aos papéis de género. As respostas são registadas numa escala de Likert de quatro pontos, variando entre "Concordo totalmente", "Concordo", "Discordo" e "Discordo totalmente", permitindo avaliar as perceções e atitudes dos participantes em relação às dinâmicas de género na sociedade.

Procedimentos de Recolha e Análise de Dados

A recolha de dados foi realizada entre dia 5 de março de 2026 e 3 de maio de 2026 através da aplicação de um questionário *online*, divulgado por redes sociais, como o *WhatsApp*. A participação no estudo foi voluntária e anónima.

Antes do preenchimento do questionário, os participantes tiveram acesso a um consentimento informado, no qual foram apresentados os objetivos do estudo, a natureza voluntária da participação e as garantias de confidencialidade e anonimato dos dados recolhidos. Apenas os participantes que concordaram com estas condições prosseguiram para o preenchimento do questionário.

Foram obtidas 285 respostas ao questionário. Após verificação e exclusão de todos os questionários incompletos, foi organizada uma base de dados com um total de 188 respostas completas para posterior análise estatística.

Inicialmente, foram realizadas análises descritivas com o objetivo de caracterizar a amostra relativamente às variáveis sociodemográficas em estudo. Posteriormente, foi calculada a pontuação total da Escala de Atitudes Relativas aos Papéis de Género (EAPG), utilizada como variável dependente nas análises inferenciais. A pontuação total da escala poderia variar entre 20 e 80 pontos, sendo que pontuações mais elevadas correspondiam a atitudes mais igualitárias relativamente aos papéis de género. Posteriormente, procedeu-se ao agrupamento de categorias das variáveis estado civil e escolaridade, com o objetivo de facilitar a análise estatística e garantir uma distribuição mais equilibrada entre os grupos. Assim, a variável do estado civil foi agrupada em três categorias: solteiro ($n=45$; 23.9%), casado ou em união de facto ($n=116$; 61.7%) e separado, divorciado ou viúvo ($n=27$; 14.4%). Do mesmo modo, a variável da escolaridade foi agrupada em três categorias: completou até ao 12º ano ($n=37$; 19.7%), completou a licenciatura ($n=90$; 47.9%) e completou o mestrado ou o doutoramento ($n=61$; 32.4%).

A análise dos dados foi realizada com recurso ao *software* IBM SPSS Statistics. Com o objetivo de avaliar a relação entre as variáveis sociodemográficas e as atitudes relativas aos papéis de género, foram aplicados testes estatísticos adequados à natureza de cada variável. Para a variável género, recorreu-se ao test t de Student para amostras independentes, enquanto para a variável referente a ter ou não ter filhos foi utilizado o teste de Mann-Whitney. No caso das variáveis estado civil e escolaridade, foi realizada uma análise de variância unifatorial (ANOVA), de modo a identificar eventuais diferenças entre grupos. Por fim, para analisar a relação entre a idade e a pontuação total da EAPG, foi utilizada a correlação de Pearson.

Resultados

Descrição das variáveis Sociodemográficas

As idades dos/as participantes variam entre os 18 e os 65 anos, $M = 44.96$ ($DP = 12.386$), verificando-se que as mais representadas foram os 52 anos ($n=15$), seguidos dos 54 anos ($n=11$) e dos 53 anos ($n=10$). Observaram-se ainda frequências mais reduzidas, variando entre 1 e 6 participantes por idade, tendo-se registado apenas 1 participante com 18 anos, 20 anos, 26 anos e 31 anos.

No que diz respeito ao género, 130 participantes identificaram-se como sendo do género feminino (69.1%) e 58 participantes do género masculino (30.9%).

A maioria dos participantes eram de nacionalidade portuguesa ($n=179$; 95.2%), sendo 9 (4.8%) de nacionalidade estrangeira. Entre estes, 3 eram de nacionalidade brasileira (1.6%), 2 de nacionalidade espanhola (1.1%), 1 de nacionalidade belga (0.5%), 1 de nacionalidade canadiana (0.5%), 1 de nacionalidade mexicana (0.5%) e 1 era de nacionalidade venezuelana (0.5%).

Relativamente ao estado civil, 45 participantes eram solteiros (23.9%), 29 viviam em união de facto (15.4%), 87 eram casados (46.3%), 1 encontrava-se separado (0.5%), 23 eram divorciados (12.2%) e 3 eram viúvos (1.6%). A maioria dos participantes tinham filhos ($n = 125$, 66.5%) enquanto 63 participantes não tinham filhos (33.5%).

Quanto ao nível de escolaridade, 1 participante não completou o ensino básico (0.5%), 7 participantes completaram o ensino básico, até o 9º ano (3.7%), 29 completaram o ensino secundário (15.4%), 90 concluíram a licenciatura (47.9%), 49 concluíram o mestrado (26.1%) e 12 concluíram o doutoramento (6.4%).

Tabela 1

Caracterização sociodemográfica da amostra

Variável Sociodemográfica	Categoria	N (%)	M (dp)
Género	Feminino	130 (69.1)	
	Masculino	58 (30.9)	
Idade	18 – 65 anos		44.96 (12.386)
Nacionalidade	Portuguesa	179 (95.2)	
	Brasileira	3 (1.6)	
	Espanhola	2 (1.1)	

Variável Sociodemográfica	Categoria	N (%)	M (dp)
	Belga	1 (0.5)	
	Canadiana	1 (0.5)	
	Mexicana	1 (0.5)	
	Venezuelana	1 (0.5)	
Estado Civil	Solteiro	45 (23.9)	
	União de facto	29 (15.4)	
	Casado	87 (46.3)	
	Separado	1 (0.5)	
	Divorciado	23 (12.2)	
	Viúvo	3 (1.6)	
Filhos	Tem Filhos	125 (66.5)	
	Não tem Filhos	63 (33.5)	
Escolaridade	Não completou o ensino básico	1 (0.5)	
	Completou o ensino básico	7 (3.7)	
	Completou o ensino secundário	29 (15.4)	
	Completou a licenciatura	90 (47.9)	
	Completou o mestrado	49 (26.1)	
	Completou o doutoramento	12 (6.4)	

Atitudes gerais relativas aos Papéis de Género (EAPG)

Relativamente ao score global na EAPG, conforme ilustrado na tabela 2, os participantes apresentam pontuações entre 34 e 68 pontos ($M=56.63$; $DP=8.47$).

Tabela 2

Estatística Descritiva – Score Global EAPG

N	Mínimo	Máximo	M	DP
188	34	68	56.6277	8.46697

Na tabela 3, apresentamos a descrição estatística das atitudes relativas aos papéis de género, discriminada por cada item da EAPG.

Tabela 3*Estatística Descritiva – Itens EAPG*

Item	N	M	DP
1. É mais adequado, para ama ou educador de infância, uma mulher do que um homem.	188	2.89	.919
2. O homem deve ter a principal responsabilidade no que diz respeito ao suporte económico da família.	188	2.68	.542
3. Usar linguagem obscena é pior numa rapariga do que num rapaz.	188	2.69	.595
4. Só os homens deveriam poder participar em combates militares	188	2.57	.637
5. Deve ser o homem a pagar as despesas quando tem um encontro com uma mulher	188	2.60	.625
6. O assédio sexual no local de trabalho é um problema grave.	188	3.50	1.08
7. Deveria ser igualmente aceitável para as raparigas e para os rapazes praticar desportos duros, como o hóquei em patins ou o futebol	188	3.27	1.26
8. É aceitável ser a mulher a tomar iniciativa para começar uma relação afetiva com um homem.	188	3.15	1.28
9. A discriminação contra as mulheres no mercado do trabalho já não é um problema.	188	2.64	.668
10. Deveria ser igualmente aceitável para uma mulher e para um homem ficar em casa a tomar conta das crianças enquanto o cônjuge trabalha	188	2.97	1.41
11. É errado os rapazes brincarem com bonecas.	188	2.59	.601

Item	N	M	DP
12. A mulher deve ter o cuidado de não parecer mais inteligente do que o homem quando namora.	188	2.83	.430
13. Existem alguns empregos que não são adequados para as mulheres.	188	2.70	.819
14. As raparigas devem ter mais limites quando saem de casa do que os rapazes.	188	2.66	.575
15. No mercado de trabalho, as mulheres estão a tirar o lugar aos homens que precisam mais de emprego.	188	2.72	.485
16. Quando os homens demonstram cortesias às mulheres (como abrir a porta) é sinal de que são superiores.	188	2.62	.518
17. Os homens e as mulheres deveriam poder fazer escolhas sobre a sua vida sem serem limitadas pelo seu sexo.	188	3.20	1.31
18. As mulheres devem preocupar-se mais com a maneira de vestir e aparência do que os homens	188	2.71	.552
19. É igualmente aceitável para os homens e para as mulheres chorar à frente de outras pessoas.	188	2.99	1.39
20. Quando ambos os pais estão empregados e quando o seu filho adoece na escola, deve ser primeiro chamada a mãe e só depois o pai.	188	2.62	.577

Género e atitudes relativas aos papéis de género

O pressuposto da normalidade foi cumprido, uma vez que cada grupo apresenta uma dimensão amostral superior a 30 participantes. Segundo Field (2018), de acordo com o Teorema do Limite Central, em amostras de maior dimensão, a distribuição tende a aproximar-se da normalidade. Adicionalmente, o teste de Levene não foi estatisticamente significativo, $F(1, 186) = .015, p = .904$, cumprindo-se assim com a homocedasticidade das variâncias.

Partindo do test t de para amostras independentes (cf. Tabela 4), os resultados não revelaram diferenças estatisticamente significativas, $t(186) = 1.47$, $p = .144$, diferença média = 1.95. Assim, aceita-se a hipótese nula relativa à ausência de diferenças na pontuação total de EAPG em função do gênero.

Tabela 4

Diferenças na pontuação total da EAPG em função do gênero

	N	Média Score EAPG	DP	t	df	p
Feminino	130	57.2308	8.43997	1.467	186	.144
Masculino	58	55.2759	8.44340			

Idade e atitudes relativas aos papéis de gênero

Novamente, seguindo o Teorema do Limite Central assume-se a normalidade devido ao tamanho amostral ($n=188$) (Field, 2018). Para analisar a existência de diferenças nas atitudes relativas aos papéis de gênero em função da idade optou-se pela utilização da correlação de Pearson (cf. Tabela 5).

Os resultados da Correlação de Pearson indicaram uma correlação negativa estatisticamente significativa entre a idade e a pontuação total da EAPG, $r(186) = -.261$, $p < .001$. Estes resultados sugerem que, à medida que a idade aumenta, tende a verificar-se uma diminuição da pontuação total da EAPG.

Tabela 5

Correlação de Pearson entre a Idade e o Score global EAPG

N	r de Pearson	p
188	-.261	<.001

Estado civil e atitudes relativas aos papéis de gênero

A normalidade da amostra foi testada através do teste Shapiro-Wilk. Verificaram-se desvios significativos à normalidade em dois dos grupos, $p < .001$, enquanto o grupo constituído por participantes separados, divorciados ou viúvos não apresentou desvios significativos à normalidade $p = .126$. Apesar destes resultados, considerando a dimensão dos grupos, a distribuição amostral tende a aproximar-se da normalidade, segundo o Teorema do Limite

Central (Field, 2018). O pressuposto de homocedasticidade das variâncias foi avaliado através do teste de Levene, $F(2, 185) = 0.58, p = .561$. Assim, considerou-se cumprido o pressuposto da homocedasticidade das variâncias. Considerando que ambos os pressupostos se encontram cumpridos, prosseguiu-se com a realização da ANOVA Unifatorial (cf. Tabela 6).

Os resultados da ANOVA não revelaram diferenças estatisticamente significativas na pontuação total da EAPG entre os diferentes grupos de estado civil, $F(2, 185) = 1.69, p = .188$. Assim, aceitou-se a hipótese nula, concluindo que as atitudes relativas aos papéis de género não diferem significativamente em função do estado civil.

Tabela 6

Diferenças na pontuação total da EAPG em função do estado civil

Comparação entre grupos	Diferença Média	DP	<i>p</i>	F	<i>p</i>
Solteiro – Casado ou em União de Facto	1.95038	1.48155	.569		
Solteiro – Separado / Divorciado ou Viúvo	3.65185	2.05361	.231	1.686	.188
Casado ou em União de Facto– Separado / Divorciado ou Viúvo	1.70147	1.80259	1.000		

Ter filhos e atitudes relativas aos papéis de género

Novamente, o pressuposto da normalidade foi assumido, devido a ambos os grupos terem mais de 30 participantes, esta decisão foi sustentada pelo Teorema do Limite Central (Field, 2018). Adicionalmente, o teste de Levene revelou que o pressuposto de homocedasticidade das variâncias não se encontra cumprido, $F(1, 186) = 12.08, p < .001$. Assim optou-se pela utilização do teste não paramétrico de Mann-Whitney (cf. Tabela 7) para analisar as diferenças na pontuação total do EAPG em função da parentalidade.

Os resultados revelam diferenças estatisticamente significativas entre participantes com e sem filhos, $U = 2730.000, z = -3.435, p < .001$. Os/as participantes sem filhos apresentam um posto médio mais elevado (113.67) comparativamente aos participantes com filhos (84.84). Considerando que pontuações mais elevadas na EAPG correspondem a atitudes mais

igualitárias, estes resultados indicam que os/as participantes sem filhos apresentam atitudes mais igualitárias relativamente aos papéis de género do que os/as participantes com filhos.

Tabela 7

Diferenças na pontuação total da EAPG em função de ter ou não filhos

Tem filhos?	N	Posto médio	U de Mann Whitney	Z	p
Sim	125	84.84			
Não	63	113.67	2730.000	-3.435	<.001

Escolaridade e atitudes relativas aos papéis de género

O pressuposto de normalidade foi cumprido devido à dimensão da amostra em cada grupo ser superior a 30 participantes (Field, 2018). Adicionalmente, o teste de Levene não foi estatisticamente significativo, $F(2, 185) = 2.009$, $p = .137$, indicando o cumprimento do pressuposto da homocedasticidade das variâncias. Como ambos os pressupostos foram cumpridos, procedeu-se à utilização da ANOVA Unifatorial (cf. Tabela 8). Os resultados da ANOVA Unifatorial revelaram diferenças estatisticamente significativas entre os grupos de escolaridade, $F(2, 185) = 5.65$, $p = .004$.

As comparações com correção de Bonferroni indicam que os participantes com mestrado ou doutoramento apresentam pontuações significativamente superiores às dos participantes com escolaridade até o 12º ano, diferença média = 5.76, $p = .003$. Não foram observadas diferenças estatisticamente significativas entre os participantes com escolaridade até ao 12º ano e os participantes com licenciatura, $p = .153$, nem entre participantes com licenciatura e os participantes com mestrado ou doutoramento, $p = .181$.

Tabela 8

Diferenças na pontuação total da EAPG em função da escolaridade

	Diferença média	DP	p	F	p
Até o 12º ano - licenciatura	3.16787	1.61389	.153		
Até o 12º ano - mestrado ou doutoramento	5.75676	1.72204	.003	5.647	.004
Licenciatura - mestrado ou doutoramento	2.58889	1.37056	.181		

Discussão de Resultados

O presente estudo teve como principal objetivo analisar as atitudes da população ativa em Portugal relativas aos papéis de género, procurando compreender de que forma determinadas variáveis sociodemográficas poderiam estar associadas a atitudes mais ou menos igualitárias. Para tal, foram analisadas diferenças em função do género, da idade, da escolaridade, do estado civil e de ter filhos ou não filhos, tendo por base o score global obtido na Escala de Atitudes Relativas aos Papéis de Género. De forma geral, os resultados obtidos demonstraram que as atitudes relativas aos papéis de género não variaram de forma uniforme em função de todas as variáveis sociodemográficas analisadas. Embora não se tenham encontrado diferenças estatisticamente significativas nas atitudes dos participantes, em função do género e do estado civil, a idade, a escolaridade e ter ou não ter filhos demonstraram ser variáveis relevantes para compreender as diferenças nas atitudes face aos papéis de género.

Embora a literatura anteriormente apresentada aponte para uma tendência de as mulheres apresentarem atitudes mais igualitárias do que os homens, os resultados do presente estudo não evidenciaram diferenças estatisticamente significativas em função do género. Este resultado pode dever-se ao facto de estas atitudes serem influenciadas por um conjunto mais amplo de fatores como as experiências pessoais, o contexto familiar e a exposição a valores igualitários. Davis e Greenstein (2009) referem que as atitudes relativas aos papéis de género são influenciadas por características sociais e demográficas, bem como pela exposição a ideias igualitárias através da socialização, da educação e de experiências pessoais.

A ausência de diferenças significativas em função do género pode, também, ser compreendida à luz das transformações sociais recentes, marcadas por uma maior valorização pública da igualdade entre homens e mulheres. Como refere Ellemers (2018), os estereótipos de género continuam a influenciar a forma como os indivíduos se percebem e são percebidos pelos outros, ainda que estas crenças e atitudes possam coexistir com discursos sociais progressivamente mais orientados para a igualdade de género. Contudo, importa salientar que a manifestação de atitudes igualitárias não implica necessariamente que as práticas quotidianas sejam igualmente igualitárias (Carriero & Todesco, 2018). Assim, a inexistência de diferenças estatisticamente significativas deve ser interpretada com prudência, uma vez que pode refletir uma aproximação nos discursos de igualdade de género entre homens e mulheres, sem que isso signifique, necessariamente, uma eliminação das assimetrias associadas aos papéis de género nos contextos familiar, profissional e social.

Relativamente à idade, verificou-se uma correlação negativa estatisticamente significativa entre a idade dos participantes e a pontuação total da EAPG. Considerando que

pontuações mais elevadas indicam atitudes mais igualitárias, este resultado sugere que, à medida que a idade aumenta, tende a verificar-se uma diminuição das atitudes igualitárias relativamente aos papéis de género. Uma possível explicação para este resultado prende-se com as diferenças geracionais e com os contextos socioculturais em que os indivíduos foram socializados. A literatura tem indicado que a idade se relaciona com as atitudes relativas aos papéis de género, verificando-se, em diferentes estudos maior adesão a atitudes tradicionais por grupos mais velhos e maior abertura à igualdade em grupos mais jovens (Fazeli et al., 2015; Manolov et al., 2023; Ozturk et al., 2021). Neste sentido, gerações mais velhas poderão ter crescido em contextos mais marcados por uma divisão tradicional entre a esfera profissional e a esfera doméstica, na qual o homem era associado ao papel de provedor económico e a mulher às responsabilidades domésticas e familiares (Davis & Greenstein, 2009; Manolov et al., 2023). Por outro lado, as gerações mais jovens cresceram num contexto social em que, em Portugal, a igualdade de género, a participação feminina no mercado de trabalho e a conciliação entre a vida profissional e familiar têm vindo a assumir uma maior visibilidade (Saleiro et al., 2025). Estes aspetos poderão contribuir para uma menor adesão a papéis tradicionais.

No que respeita a escolaridade, os resultados obtidos sugerem que percursos educativos mais prolongados estão associados a atitudes mais igualitárias face aos papéis de género. Esta interpretação é consistente com estudos que indicam que a educação pode contribuir para a redução de atitudes tradicionais e para uma maior adesão a atitudes igualitárias (Du et al., 2021; Cunningham et al., 2005; Deole & Zeydanli, 2021). Além disso, a escola e contextos educativos podem constituir espaços relevantes de socialização, nos quais os indivíduos contactam com diferentes valores, normas e realidades sociais, o que pode favorecer o questionamento de ideais tradicionais de género (Taraszow et al., 2024).

Quanto ao estado civil, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os grupos analisados. Este resultado sugere que o facto de os participantes serem solteiros, casados, viverem em união de facto, divorciados, separados ou viúvos não foi, por si só, suficiente para explicar diferenças nas atitudes relativas aos papéis de género. Uma possível explicação para este resultado prende-se com o facto do estado civil ser uma variável ampla, que pode não captar a complexidade das experiências conjugais e familiares dos participantes. Esta interpretação encontra apoio em Wall et al. (2016), que salientam a importância de considerar a interseção entre variáveis como a situação conjugal, a divisão familiar do trabalho e o tipo de família na análise dos papéis de género. Neste sentido, embora o estado civil permita distinguir categorias formais como solteiro/a, casado/a ou divorciado/a, pode não refletir

dimensões como a coabitação, a distinção das responsabilidades domésticas e familiares, ou o grau de igualdade de género vivido no contexto familiar.

No que se refere à paternidade/maternidade foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre participantes com e sem filhos, apresentando estes/as últimos/as atitudes mais igualitárias. Katz-Wise et al. (2010) referem que a transição para a maternidade/ paternidade pode estar associada a uma maior tradicionalização de atitudes e comportamentos de género, sobretudo devido à reorganização das responsabilidades familiares após o nascimento dos filhos. Mesmo em casais que previamente apresentavam valores igualitários, a chegada de uma criança pode intensificar a divisão tradicional das tarefas, com maior responsabilização da mulher pelos cuidados infantis e pelas tarefas domésticas. Também, Endendijk et al. (2018) salientam a importância da maternidade/paternidade na formação e manutenção de crenças e atitudes relacionadas com os papéis de género, mostrando que a experiência maternal e paternal pode influenciar a forma como os indivíduos percecionam as diferenças entre homens e mulheres. Este resultado assume particular relevância no contexto da população ativa, uma vez que a maternidade/paternidade implica frequentemente a necessidade de conciliar responsabilidades profissionais e familiares. Apesar da crescente participação das mulheres no mercado de trabalho e da maior valorização de modelos mais igualitários, a distribuição do trabalho doméstico e de cuidado continua a refletir desigualdades associadas aos papéis tradicionalmente atribuídos a homens e mulheres (Cunha & Atalaia, 2019).

Conclusão

Os resultados do presente estudo evidenciaram que as atitudes relativas aos papéis de género podem ser compreendidas a partir de diferentes fatores. A idade, a escolaridade e ter ou não ter filhos revelaram-se, neste estudo, como as variáveis relevantes, sugerindo a importância dos processos de socialização geracional, dos percursos educativos e das experiências familiares na formação destas atitudes. Por outro lado, a ausência de diferenças significativas em função do género e do estado civil sugere que estas variáveis, quando analisadas isoladamente, podem não ser suficientes para compreender a complexidade das atitudes relativas aos papéis de género. Estes resultados reforçam, assim, a necessidade de analisar as atitudes relativas aos papéis de género de forma multidimensional, considerando não apenas as características individuais dos participantes, mas também os contextos sociais, familiares e educativos nos quais estas atitudes e crenças são construídas e reproduzidas.

Apesar da sua relevância, os resultados apresentados devem ser interpretados tendo em consideração algumas limitações do estudo. Uma das limitações relaciona-se com o tamanho reduzido da amostra, quando se considera a diversidade da população ativa em Portugal e a quantidade de variáveis sociodemográficas analisadas. A distribuição dos participantes pelas diferentes categorias das variáveis sociodemográficas também não foi homogênea. Verificou-se, por exemplo, uma maior representação de participantes do género feminino, com níveis de escolaridade superiores e pertencentes à faixa etária dos 50 anos. Do mesmo modo, algumas categorias relativas ao estado civil e à escolaridade apresentaram um número muito reduzido de participantes, enquanto outras concentravam uma parte considerável da amostra. Este desequilíbrio dificultou a comparação entre grupos e poderá ter reduzido a capacidade das análises estatísticas de identificar diferenças efetivamente existentes. Estas limitações não retiram relevância aos resultados obtidos, mas os mesmos devem ser entendidos como indicadores das tendências observadas na presente amostra, não podendo ser automaticamente generalizados à população ativa em Portugal nem interpretados como uma representação direta dos comportamentos dos participantes.

Na sequência das limitações identificadas e dos resultados obtidos, considera-se pertinente que investigações futuras deem continuidade ao presente estudo, de modo a aprofundar a compreensão das atitudes relativas aos papéis de género na população ativa em Portugal. Embora os resultados tenham permitido identificar relações significativas entre a pontuação total da Escala de Atitudes Relativas aos Papéis de Género e variáveis como a idade, a escolaridade e ter filhos ou não ter filhos, importa alargar esta análise a amostras mais amplas, equilibradas e representativas da população ativa em Portugal.

Estudos futuros deverão recorrer a amostras de maior dimensão e com uma distribuição mais homogênea entre os diferentes grupos das variáveis sociodemográficas. Seria particularmente relevante garantir maior equilíbrio de forma a permitir comparações mais robustas entre grupos. Uma amostra mais diversificada permitiria ainda reduzir o impacto de categorias com poucos participantes e evitar a necessidade de agrupar grupos com experiências distintas.

Seria igualmente pertinente aprofundar o papel da existência de filhos nas atitudes relativas aos papéis de género, ao analisar como diferentes características dessa experiência podem influenciar essas atitudes. Esta análise permitiria compreender de forma mais completa se a existência de filhos se associa a atitudes mais tradicionais por si só ou se esse efeito depende das condições concretas em que a parentalidade é vivida. Outra sugestão consiste em analisar se o género dos filhos interfere no impacto da existência dos mesmos sobre as atitudes relativas

aos papéis de género. Esta análise permitiria compreender se a experiência de educar rapazes ou raparigas influencia a forma como os progenitores percecionam os papéis de homens e mulheres. Poderia ainda ser explorada a interação entre o género dos progenitores e o género dos filhos, de modo a perceber se mães e pais são influenciados de forma diferente pelo género do filho.

Uma vez que o presente estudo possui um desenho transversal, não é possível compreender se as atitudes relativas aos papéis de género se alteram ao longo do tempo ou apenas em momentos específicos ou acontecimentos de vida. Neste sentido, seria pertinente a realização de estudos longitudinais para acompanhar os participantes em diferentes momentos, por exemplo antes e depois da transição para a maternidade/paternidade.

Será ainda importante complementar a avaliação das atitudes com a análise de comportamentos. A Escala de Atitudes Relativas aos Papéis de Género permite avaliar as atitudes declaradas pelos inquiridos, mas não permite concluir que essas atitudes se traduzam em práticas quotidianas. Por esse motivo, investigações futuras poderão complementar a avaliação das atitudes com indicadores comportamentais, permitindo compreender se existe coerência entre as atitudes declaradas e as práticas quotidianas.

Em suma, o presente estudo permitiu evidenciar que, apesar dos avanços sociais e legais em relação à igualdade de género, as atitudes relativas aos papéis de género continuam a associar-se a dimensões particularmente relevantes, sugerindo que as atitudes devem ser compreendidas tendo em conta contextos geracionais, educativos e familiares dos indivíduos. Neste sentido, a promoção da igualdade de género exige uma atenção contínua a contextos em que as atitudes sobre os papéis de homens e mulheres são construídas e reproduzidas. Assim, a igualdade de género não deve ser entendida apenas como um princípio formal, mas como um processo social em permanente construção, que exige reflexão, intervenção e mudança de práticas quotidianas.

Referências

- Andrade, C. (2016). *Adaptation and factorial validation of the Attitudes Toward Gender Roles Scale*. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 26(63), 7–14. <https://doi.org/10.1590/1982-43272663201602>
- Blackstone, A. M. (2003). Gender roles and society. In J. R. Miller, R. M. Lerner, & L. B. Schiamberg (Eds.), *Human ecology: An encyclopedia of children, families, communities, and environments* (pp. 335–338). ABC-CLIO.
- Carriero, R., & Todesco, L. (2018). Housework division and gender ideology: When do attitudes really matter? *Demographic Research*, 39, 1039–1064. <https://doi.org/10.4054/DemRes.2018.39.39>
- Corrigall, E. A., & Konrad, A. M. (2007). Gender role attitudes and careers: A longitudinal study. *Sex Roles*, 56(11–12), 847–855. <https://doi.org/10.1007/s11199-007-9242-0>
- Croft, A., Schmader, T., & Block, K. (2015). An underexamined inequality: Cultural and psychological barriers to men's engagement with communal roles. *Personality and Social Psychology Review*, 19(4), 343–370. <https://doi.org/10.1177/1088868314564789>
- Cunha, V., & Atalaia, S. (2019). The gender(ed) division of labour in Europe: Patterns of practices in 18 EU countries. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 90, 113–137. <https://doi.org/10.7458/SPP20199015526>
- Cunningham, M., Beutel, A. M., Barber, J. S., & Thornton, A. (2005). Reciprocal relationships between attitudes about gender and social contexts during young adulthood. *Social Science Research*, 34(4), 862–892. <https://doi.org/10.1016/j.ssresearch.2005.03.001>
- Davis, S. N., & Greenstein, T. N. (2009). Gender ideology: Components, predictors, and consequences. *Annual Review of Sociology*, 35, 87–105. <https://doi.org/10.1146/annurev-soc-070308-115920>
- Deole, S. S., & Zeydanli, T. (2021). *Does education predict gender role attitudes? Evidence from European datasets* (GLO Discussion Paper No. 793, rev.). Global Labor Organization. <https://hdl.handle.net/10419/235128>
- Dogan Gangal, A., Yigit, Y., & Ali, Y. (2024). *Generational differences in attitudes towards gender roles and violence against women*. *International Journal of Caring Sciences*, 17(1), 198–208.
- Du, H., Xiao, Y., & Zhao, L. (2021). Education and gender role attitudes. *Journal of Population Economics*, 34(2), 475–513. <https://doi.org/10.1007/s00148-020-00793-3>
- Dyer, R. (1999). The role of stereotypes. In P. Marris & S. Thornham (Eds.), *Media studies: A reader* (2nd ed., pp. 245–251). Edinburgh University Press.

- Ellemers, N. (2018). *Gender stereotypes*. *Annual Review of Psychology*, 69(1), 275–298.
<https://doi.org/10.1146/annurev-psych-122216-011719>
- Endendijk, J. J., Derks, B., & Mesman, J. (2018). Does parenthood change implicit gender-role stereotypes and behaviors? *Journal of Marriage and Family*, 80(1), 61–79.
<https://doi.org/10.1111/jomf.12451>
- Endendijk, J. J., Groeneveld, M. G., van Berkel, S. R., Hallers-Haalboom, E. T., Mesman, J., & Bakermans-Kranenburg, M. J. (2013). Gender stereotypes in the family context: Mothers, fathers, and siblings. *Sex Roles*, 68(9), 577–590.
<https://doi.org/10.1007/s11199-013-0265-4>
- Fazeli, E., Golmakani, N., Taghipour, A., & Shakeri, M. T. (2015). The relationship between demographic factors and gender role attitudes in women referring to Mashhad health care centers in 2014. *Journal of Midwifery and Reproductive Health*, 3(1), 276–284.
<https://doi.org/10.22038/jmrh.2015.3561>
- Field, A. (2018). *Discovering statistics using IBM SPSS statistics* (5th ed.). Sage.
- Grinza, E., Devicienti, F., Rossi, M., & Vannoni, D. (2017). *How entry into parenthood shapes gender role attitudes: New evidence from longitudinal UK data* (IZA Discussion Paper No. 11088). Institute of Labor Economics. <https://hdl.handle.net/10419/173998>
- Grudzień, A. (2021). Stereotypes and modern society–(in)compatible? *Společnost. Edukacja. Język*, 14(2), 199–208. [https://doi.org/10.19251/sej/2021.14.2\(15\)](https://doi.org/10.19251/sej/2021.14.2(15))
- Katz-Wise, S. L., Priess, H. A., & Hyde, J. S. (2010). Gender role attitudes and behavior across the transition to parenthood. *Developmental Psychology*, 46(1), 18–28.
<https://doi.org/10.1037/a0017820>
- Manolov, M. N., Ivanov, I. K., & Chavdarova, V. A. (2023). *Gender-role stereotypes in the Bulgarian family: Cross-generational transmission of gender attitudes*. *Societies*, 13(7), 152. <https://doi.org/10.3390/soc13070152>
- Mozzaquatro, C. D. O., & Arpini, D. M. (2017). Planejamento familiar e papéis parentais: O tradicional, a mudança e os novos desafios. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 37(4), 923–938. <https://doi.org/10.1590/1982-3703001242016>
- Ozturk, C., Akman, O., Bektas, M., & Yildirim, D. (2021). Attitudes of three generations of women toward gender roles. *Perspectives in Psychiatric Care*, 57(4), 1974–1980.
<https://doi.org/10.1111/ppc.12776>
- Palomino-Suárez, C., & Aparicio García, M. E. (2025). *Gender stereotypes and their impact on social sustainability: A contemporary view of Spain*. *Social Sciences*, 14(5), Article 292.
<https://doi.org/10.3390/socsci14050292>

- Park, H. G., Qin, H. Y., Horne, R. M., Impett, E. A., Yorgason, J. B., & Cheung, F. (2025). *Partner (in)congruence in gender role attitudes and relationship satisfaction*. *PNAS Nexus*, 4(1), pgae589. <https://doi.org/10.1093/pnasnexus/pgae589>
- Ros-Gamón, S., Alguacil Jiménez, M., Escamilla-Fajardo, P., & Pérez Campos, C. (2021). Analysis of perceptions related to gender stereotypes in secondary education: A gender comparison. *Journal of Physical Education and Sport*, 21(5), 2679–2686. <https://doi.org/10.7752/jpes.2021.05357>
- Saleiro, S. P., Barroso, M. M., & Silva, S. F. da. (2025). Attitudes towards gender equality at work and in the family: The Portuguese case between tradition and change. *Revista Española de Sociología*, 34(4), Article a280. <https://doi.org/10.22325/fes/res.2025.280>
- Taraszew, T., Gresch, C., & Kempert, S. (2024). The role of school context factors for gender role attitudes: General and differential associations between female and male adolescents. *Youth & Society*, 56(5), 967–991. <https://doi.org/10.1177/0044118X231205927>
- Valentova, M. (2013). Age and sex differences in gender role attitudes in Luxembourg between 1999 and 2008. *Work, Employment and Society*, 27(4), 639–657. <https://doi.org/10.1177/0950017013481638>
- Wall, K., Cunha, V., Atalaia, S., Rodrigues, L., Correia, R., Correia, S. V., & Rosa, R. (2016). *Livro branco: Homens e igualdade de género em Portugal*. Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa; Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego.

Anexos

Anexo A: Questionário

Questionário

Perceções e atitudes da população ativa em Portugal sobre papéis de género

O estudo “Perceções e atitudes da população ativa em Portugal sobre papéis de género”, desenvolvido no Centro de Investigação para o Desenvolvimento Humano da Universidade Católica Portuguesa (CEDH-UCP), sob coordenação da Prof.^a Raquel Matos, integra um projeto de investigação mais amplo intitulado “Impacto dos Movimentos de Igualdade de Género nos Sistemas de Justiça e de Saúde”.

Neste estudo, procuramos **analisar as perspetivas de profissionais de diversos setores e áreas de atividade, relativamente aos papéis sociais atribuídos a homens e mulheres**, relacionando-as com resultados de um estudo qualitativo realizado anteriormente.

Convidamo-lo/a a participar neste estudo, **preenchendo o questionário que se segue.**

Consentimento Informado

Título do Estudo

“Perceções e atitudes da população ativa em Portugal sobre papéis de género”

Investigadora Responsável

Professora Raquel Matos (Centro de Investigação para o Desenvolvimento Humano da Universidade Católica Portuguesa)

Objetivo do Estudo

Analisar as perspetivas de profissionais no ativo de diferentes setores e áreas de atividade relativamente à divisão de papéis de género entre homens e mulheres na sociedade.

O que envolve a sua participação?

Se decidir participar, será solicitado que preencha um questionário que inclui dados sociodemográficos e questões relacionadas com as suas perceções e atitudes sobre os papéis de género.

O preenchimento do questionário terá uma duração aproximada de 5-10 minutos.

Confidencialidade e Proteção de Dados

A sua participação é confidencial.

A sua identidade permanecerá confidencial ao longo de todo o estudo. Apenas a equipa de investigação terá acesso aos dados, que serão anonimizados, e qualquer resultado publicado não incluirá informações que possam revelar a sua identidade.

Direitos do Participante

A sua participação é completamente voluntária e poderá desistir a qualquer momento, sem qualquer prejuízo. Caso decida retirar o seu consentimento, os dados recolhidos serão eliminados.

Informações Adicionais

Se tiver dúvidas ou questões relacionadas com este estudo, pode contactar a Investigadora Responsável (rmatos@ucp.pt), ou as Investigadoras Maria Vilela (s-mmcvilela@ucp.pt) e Rafaela Pinto (s-rasocapinto@ucp.pt).

Declaração de Consentimento

Declaro que:

- 1. Compreendi o objetivo e os procedimentos deste estudo.**
- 2. Fui informado/a de que a minha participação é voluntária e que posso desistir a qualquer momento, sem penalizações.**
- 3. Fui informado/a de que os dados partilhados no atual estudo serão cruzados com os dados de participação no estudo anterior do projeto “Movimentos de Igualdade de Género e Sistemas de Justiça e Saúde”.**
- 4. Fui informado/a de que os dados serão confidenciais e usados exclusivamente para fins de investigação.**
- 5. Dou o meu consentimento para participar neste estudo.**

Participação

- Aceito participar
- Não aceito participar

Questionário sociodemográfico

Pedimos que preencha as seguintes caixas de texto com a sua informação:

1. Qual é a sua idade?

2. Com que género se identifica?

- Feminino

- Masculino
- Não-binário
- Prefiro não dizer
- Outro

3. Qual é a sua nacionalidade?

- Portuguesa
- Outra – qual?

4. Qual é o seu estado civil?

- Solteiro/a
- União de facto
- Casado/a
- Separado/a
- Divorciado/a
- Viúvo/a

5. Tem filhos?

- Sim
- Não

6. Qual é o seu nível de escolaridade?

- Não completou o Ensino Básico
- Ensino Básico (9º ano)
- Ensino Secundário (12º ano)
- Ensino Superior – Licenciatura
- Ensino Superior – Mestrado
- Ensino Superior – Doutoramento

6.1. *[Para quem escolhe Ensino Superior - Licenciatura]*

6.1.1. Que curso de licenciatura frequentou?

6.2. *[Para quem escolhe Ensino Superior - Mestrado]*

6.2.1. Que curso de licenciatura frequentou?

6.2.2. Que mestrado frequentou?**6.3. *[Para quem escolhe Ensino Superior - Doutoramento]*****6.3.1. Que curso de licenciatura frequentou?****6.3.2. Que mestrado frequentou?****6.3.3. Que área de doutoramento frequentou?****7. Qual é a sua situação profissional atual?**

- Empregado por conta de outrem
- Empregado por conta própria
- Ambos
- Desempregado
- Inativo
- Reformado

7.1. *[Os que colocarem desempregado, inativo ou reformado são encaminhados para o final do questionário, já que não faz sentido participar se não for trabalhador]*

8. O seu emprego atual enquadra-se em que setor?

- Público
- Privado
- Ambos os setores

9. Qual das seguintes áreas de atividade enquadra melhor a sua profissão?

- Ação social (e.g. lares, IPSS, etc.)
- Administração pública
- Agricultura, pecuária, silvicultura e pesca
- Atividades artísticas, culturais, desportivas e recreativas
- Atividades financeiras e seguros
- Atividades imobiliárias
- Comércio e retalho
- Construção e obras públicas
- Educação (e.g. creches, escolas, universidades, etc.)
- Indústria, energia e ambiente (e.g. eletricidade, gás, água e saneamento)
- Justiça (e.g. tribunais, prisões, etc.)

- Saúde (e.g. hospitais, clínicas, centros de saúde, centros terapêuticos, etc.)
- Segurança e defesa (e.g. forças armadas, forças policiais)
- Serviços administrativos e de apoio
- Serviços profissionais, consultoria e técnicos (e.g. engenharia, arquitetura, design, atividades científicas)
- Tecnologias de comunicação e informação
- Transportes, logística e armazenagem
- Turismo, alojamento e restauração
- Outro – qual?

10. Há quanto tempo [em meses ou anos] tem atividade profissional ativa [i.e., remunerada e enquadrada num regime contributivo]?

11. Qual é a profissão que exerce atualmente?

12. Há quanto tempo [em meses ou anos] exerce essa profissão?

13. Tem conhecimento se a instituição onde trabalha tem políticas (e.g. normas, regulamentos, diretrizes) para a igualdade de género?

- Sim – Indique quais
- Não
- Não sei

13.1. [Para quem responde sim à 13] Considera que, na instituição onde trabalha, essa(s) política(s) são efetivamente colocadas em prática?

- Sim
- Não

13.3.1. Está satisfeito com essas políticas?

- Sim
- Não

13.2. [Para quem responde não à 13] Gostaria que alguma política para a igualdade de género fosse implementada no seu local de trabalho?

- Sim – qual?
- Não

13.3. [Para quem responde não sei à 13] Gostaria que alguma política para a igualdade de género fosse implementada no seu local de trabalho?

- Sim – qual?
- Não

Escala de Atitudes relativas a Papéis de Género (EAPG)

De seguida, é apresentado um conjunto de frases que dizem respeito às atitudes perante os papéis de género.

Por favor, indique em que medida concorda ou discorda com cada uma delas, utilizando a seguinte escala de resposta: 1) concordo totalmente; 2) concordo; 3) discordo; 4) discordo totalmente.

	1	2	3	4
1. É mais adequado, para ama ou educador de infância, uma mulher do que um homem.				
2. O homem deve ter a principal responsabilidade no que diz respeito ao suporte económico da família.				
3. Usar linguagem obscena é pior numa rapariga do que num rapaz.				
4. Só os homens deveriam poder participar em combates militares.				
5. Deve ser o homem a pagar as despesas quando tem um encontro com uma mulher.				
6. O assédio sexual no local de trabalho é um problema grave.				
7. Deveria ser igualmente aceitável para as raparigas e para os rapazes praticar desportos duros, como o hóquei em patins ou o futebol.				
8. É aceitável ser a mulher a tomar iniciativa para começar uma relação afetiva com um homem.				
9. A discriminação contra as mulheres no mercado do trabalho já não é um problema.				

10. Deveria ser igualmente aceitável para uma mulher e para um homem ficar em casa a tomar conta das crianças enquanto o cônjuge trabalha.				
11. É errado os rapazes brincarem com bonecas.				
12. A mulher deve ter o cuidado de não parecer mais inteligente do que o homem quando namora.				
13. Existem alguns empregos que não são adequados para as mulheres.				
14. As raparigas devem ter mais limites quando saem de casa do que os rapazes.				
15. No mercado de trabalho, as mulheres estão a tirar o lugar aos homens que precisam mais de emprego.				
16. Quando os homens demonstram cortesias às mulheres (como abrir a porta) é sinal de que são superiores.				
17. Os homens e as mulheres deveriam poder fazer escolhas sobre a sua vida sem serem limitadas pelo seu sexo.				
18. As mulheres devem preocupar-se mais com a maneira de vestir e aparência do que os homens				
19. É igualmente aceitável para os homens e para as mulheres chorar à frente de outras pessoas.				
20. Quando ambos os pais estão empregados e quando o seu filho adoece na escola, deve ser primeiro chamada a mãe e só depois o pai.				

Fim do questionário

Agradecemos a sua participação neste inquérito e o tempo despendido. A sua resposta foi registada.